

Governo e médicos trocam acusações sobre a saúde

JORNAL DE BRASÍLIA

02 MAI 1990

A morte do garoto Osanir Francisco de Andrade, de um ano, por falta de atendimento médico no Hospital Regional de Planaltina, dia 26 de abril, que será apurada pela Procuradoria Geral da República, abriu uma guerra surda entre o Ministério da Saúde e a categoria médica. No mesmo dia em que Osanir morreu, o ministro Alcení Guerra denunciava, na Comissão de Saúde da Câmara Federal, "a grande greve geral na saúde, resultado do absenteísmo dos médicos do Inamps". O próprio presidente, Fernando Collor de Mello, um dia depois, discursava na ceri-

mônia de implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), colocando o caso de Planaltina como exemplo.

Os médicos se armaram contra as acusações e trouxeram à tona um dogma tão antigo quanto a profissão que exercem: o corporativismo médico. "A falta de investimentos é que provoca o desinteresse dos profissionais", argumenta Hércules Sidnei Liberal, presidente do Conselho Federal de Medicina, órgão máximo responsável pelo controle ético dos médicos brasileiros. "A questão do absenteísmo é um varejo, está sendo hiperdimensio-

nada", resume Hércules, para que o médico, por ser a "personificação da medicina", está sendo depositário de "todas as marelas" do sistema.

Na mesma linha segue o Sindicato dos Médicos do Distrito Federal, que está acompanhando a sindicância aberta pelo governo no Hospital de Planaltina, mas, desde já, anuncia que havia médicos para o atendimento. "Foi a burocracia que não permitiu que Osanir chegasse até o médico", justifica Arlet Samapaio, secretário-geral do sindicato.